

Souto Moura em discurso directo

Cito aqui o Arquitecto Souto de Moura em discurso directo no jornal “O Tripeiro”, parte da sua entrevista nesta última edição - lúcido, claro, simples, com princípios e com carácter no seu discurso. Não fala em “eduquês”, não fala em “economês”, não fala em “direitês” e também não fala em “arquitectês”...o que se torna portanto uma lufada de Ar Fresco nesta *era dos credores*, em que o humanismo (A arquitectura é um dos últimos “Humanismos”...) está ultrapassado pela tecnocracia, pela burocracia e pela diívidocracia...É ler o resto da entrevista. Comprem “O Tripeiro” e não terão o vosso dinheiro mal empregue...

P: É normalmente apresentado como um arquitecto da Escola do porto.

R: (...) A diferenciação dos arquitectos do Porto do Porto em relação aos outros não está especificada. É como a arquitectura portuguesa, que não tem uma característica chave. Mas há uma coisa que é a definição pela negativa – a invariante. Olha-se para um edifício e diz-se: “ isto ou é Lamego ou é Brasil”, no meio de 700 edifícios pintados de branco (...) Esse percurso que o Siza faz, a redesenhar ou reinventar o moderno, é acompanhado por uma componente social e política, que se expressa no SAAL, e que era um pouco a grande ambição dos arquitectos dos anos 60, do Maio de 68.

P: Tratava-se de fazer uma arquitectura Social.

R: Isso. A arquitectura não podia ser só um deleite estético, fechado na sua torre de marfim. Era, antes, a arquitectura como uma arte social, ligada às pessoas, que se transformam ou é transformada por elas, e que tem uma responsabilidade. A componente política é muito importante.(...)

P: Tem falado de forma pessimista sobre o estado da arquitectura em Portugal.

R: São afirmações lúcidas e realistas. Só não percebo porque é que as pessoas ficam admiradas com o que eu digo. As pessoas sabem isso. Têm vergonha de o dizer? É como os arquitectos: Não têm trabalho, estão falidos e disfarçam. O problema da arquitectura é que ela não depende de nós. “Já me fez o risco” como normalmente se diz – isso toda a gente pode fazer. A arquitectura tem que existir. Só que a arquitectura – e é a diferença para as outras artes - precisa de muito dinheiro. E, como crise económica, isso ressentem-se: nem o Estado investe. Já não falo em investir no futuro, só queria que pagassem o que está para trás. Neste momento, além de não pagarem, as câmaras devolvem as facturas, como se não existisse nada, depois de terem pago o IVA. O futuro não existe, o presente está assim, e o passado está a ser bloqueado. Isto, a nível do estado. A nível dos privados, também ninguém investe o seu dinheiro. Toda a gente vai á banca, mas como ela não tem um tostão, não empresta, e mesmo que empreste, o risco de fazer, hoje, um edifício de habitação ou de escritórios...Ninguém compra nada. Basta ver os prédios que estão aí, todos vazios. Portanto, parou. Ponto final. (...) A arquitectura é uma coisa que tem muita inércia. Não é como na economia: dizer que o euro vale menos 10 por cento. É como os comboios, demora muito a arrancar e depois demora muito a parar.

P: Lá estamos de novo, na Escola do Porto.*R: Chame-lhe o que quiser. Mas a cidade tem um sentido muito gravítico nos edifícios. Vem da ligação topográfica, do material, do granito. Dessa fusão da topografia com a arquitectura. A arquitectura mete-se dentro da terra, e os arranjos exteriores, os muros de suporte saem dela. E há este princípio de os dois conviverem e criarem uma empatia com o lugar. (...) Há um historiador americano, de quem não lembro o nome, que tem um livro sobre a arquitectura portuguesa, e chama-lhe “arquitectura chã”, baixa, ligada á terra e gravítica. É claro que pode haver uma razão muito mais pragmática: sermos poucos e pobres, e não podermos fazer arranha-céus. O*

urbanismo português muda muito pouco o sítio. Mas, se pensarmos que a colonização portuguesa também não era feita pelo exército, era feita por famílias que eram despejadas na costa...Depois ficavam para lá, faziam as suas casas com a ajuda dos indígenas, e nem pensar em mexer em nada, nem para cima, nem para baixo. No final, o conjunto daqueles aglomerados era muito bem integrado. (...)